Entre ressentimento e radicalização: incels e a reorganização da misoginia em ambientes digitais

Between Resentment and Radicalization: Incels and the Reorganization of Misogyny in Digital Environments

Entre resentimiento y radicalización: incels y la reorganización de la misoginia en entornos digitales

Verônica Maria Biano Barbosa[1]

Resumo

Barbosa, V. M. B. Entre ressentimento e radicalização: incels e a reorganização da misoginia em ambientes digitais. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 205-222, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2780

Este artigo analisou o fenômeno dos *C*elibatários Involuntários (*incels*) como uma forma contemporânea de reorganização da misoginia em ambientes digitais. Partindo de contribuições dos estudos de gênero, das pesquisas sobre masculinidades e da literatura sobre radicalização online, o trabalho investigou como comunidades incel reinterpretam experiências individuais de frustração afetivo-sexual por meio de narrativas coletivas que atribuem tais dificuldades a uma suposta injustiça estrutural contra os homens. Inicialmente, discute-se a inserção desses grupos no ecossistema digital da chamada *manosphere*, destacando conceitos como *red pill* e *black pill* como dispositivos discursivos que estruturam a interpretação das relações de gênero nesses espaços. Em seguida, analisou-se a circulação dessas narrativas no contexto brasileiro, considerando particularidades sociais e históricas do país, como a desigualdade socioeconômica e a cultura de fóruns digitais que antecedeu a consolidação das redes sociais contemporâneas. Argumentou-se que, embora nem todos os participantes dessas comunidades estivessem envolvidos em práticas de violência ou radicalização política, esses ambientes podem funcionar como espaços de socialização ideológica nos quais ressentimentos individuais são convertidos em identidades coletivas marcadas por discursos antifeministas e misóginos. O artigo contribui para o campo dos estudos sobre misoginia digital ao examinar as formas pelas quais discursos de ódio e narrativas de vitimização masculina se reorganizam e circulam em plataformas digitais contemporâneas.

Palavras-chave: Incels; Misoginia On-line; Machosfera; Masculinidades Digitais; Radicalização Online.

Abstract

Barbosa, V. M. B. Between Resentment and Radicalization: Incels and the Reorganization of Misogyny in Digital Environments. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 205-222, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2780

This article analyzed the incel phenomenon (involuntary celibates) as a contemporary form of the reorganization of misogyny in digital environments. Drawing on contributions from gender studies, masculinity studies, and the literature on online radicalization, the study examines how incel communities reinterpret individual experiences of affective and sexual frustration through collective narratives that frame such difficulties as evidence of a supposed structural injustice against men. First, the article discusses the insertion of these groups within the digital ecosystem known as the *manosphere*, highlighting concepts such as *red pill* and *black pill* as discursive devices that structure interpretations of gender relations within these spaces. It then analyzes the circulation of these narratives in the Brazilian context, considering the country's social and historical specificities, including socioeconomic inequality and the culture of digital forums that preceded the consolidation of contemporary social media. The article argues that, although not all participants in these communities engage in practices of violence or political radicalization, these environments can function as spaces of ideological socialization in which individual resentments are transformed into

[1] Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PosLit/UnB). E-mail: veronica.biano@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0009-0006-0637-9770

collective identities marked by antifeminist and misogynistic discourses. The article contributes to the field of digital misogyny studies by examining the ways in which hate speech and narratives of male victimhood are reorganized and circulated on contemporary digital platforms.
Keywords: Incels; Online Misogyny; Manosphere; Digital Masculinities; Online Radicalization.

Resumen

Barbosa, V. M. B. Entre resentimiento y radicalización: incels y la reorganización de la misoginia en entornos digitales. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 205-222, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2780

Este artículo analiza el fenómeno de los *incels* (célibes involuntarios) como una forma contemporánea de reorganización de la misoginia en entornos digitales. A partir de aportes de los estudios de género, de las investigaciones sobre masculinidades y de la literatura sobre radicalización en línea, el trabajo examina cómo las comunidades incel reinterpretan experiencias individuales de frustración afectivo-sexual mediante narrativas colectivas que atribuyen dichas dificultades a una supuesta injusticia estructural contra los hombres. En primer lugar, se discute la inserción de estos grupos en el ecosistema digital conocido como *manosphere*, destacando conceptos como *red pill* y *black pill* como dispositivos discursivos que estructuran la interpretación de las relaciones de género en estos espacios. A continuación, se analiza la circulación de estas narrativas en el contexto brasileño, considerando particularidades sociales e históricas del país, como la desigualdad socioeconómica y la cultura de foros digitales que precedió a la consolidación de las redes sociales contemporáneas. Se sostiene que, aunque no todos los participantes de estas comunidades estén involucrados en prácticas de violencia o radicalización política, estos entornos pueden funcionar como espacios de socialización ideológica en los que resentimientos individuales se convierten en identidades colectivas marcadas por discursos antifeministas y misóginos. El artículo contribuye al campo de los estudios sobre misoginia digital al examinar las formas en que los discursos de odio y las narrativas de victimización masculina se reorganizan y circulan en las plataformas digitales contemporáneas.
Palabras clave: Incels; Misoginia en Línea; Manosfera; Masculinidades Digitales; Radicalización en Línea.

Data de submissão: 10/03/2026
Data de aceite: 08/06/2026

1. Introdução

Nas últimas duas décadas, a internet consolidou-se como um espaço central de produção de identidades coletivas, circulação de discursos políticos e formação de comunidades transnacionais. Paralelamente às possibilidades de sociabilidade e mobilização oferecidas pelas plataformas digitais, pesquisadores têm observado o surgimento de subculturas online organizadas em torno de ressentimentos sociais, antagonismos identitários e discursos de exclusão. Entre esses fenômenos, destaca-se a emergência de comunidades digitais associadas ao antifeminismo e à reconfiguração contemporânea das masculinidades, frequentemente reunidas sob o termo *manosphere* (machosfera) (GING, 2017; NAGLE, 2017).

Nesse contexto, ganhou visibilidade o grupo conhecido como incels. O termo designa a abreviação de *involuntarily celibate* (celibatários involuntários) e a expressão utilizada para designar indivíduos que afirmam não conseguir estabelecer relações afetivo-sexuais apesar de desejá-las. Embora o termo tenha surgido inicialmente em um contexto de apoio mútuo entre

pessoas que enfrentavam dificuldades de socialização, ele foi progressivamente apropriado por comunidades online predominantemente masculinas que reinterpretam tais experiências à luz de narrativas de ressentimento e antagonismo de gênero.

Segundo Zack Beauchamp (2019), a expressão foi utilizada pela primeira vez no início da década de 1990 por uma jovem canadense chamada Alana, que criou um site denominado *Alana's Involuntary Celibacy Project*. O objetivo inicial do projeto era oferecer um espaço de acolhimento e troca de experiências entre indivíduos que enfrentavam dificuldades em estabelecer relações amorosas. Com o tempo, contudo, o conceito foi ressignificado em fóruns online que passaram a associar a experiência de celibato involuntário a interpretações ideológicas das relações de gênero, frequentemente marcadas por ressentimento em relação às mulheres e por críticas ao feminismo.

A partir dos anos 2000, essas comunidades passaram a se consolidar em fóruns digitais e plataformas de mídia social, onde seus membros compartilham narrativas que atribuem suas dificuldades afetivo-sexuais a transformações sociais contemporâneas, particularmente à ampliação da autonomia feminina e às conquistas dos movimentos feministas. Nesses espaços, as relações entre homens e mulheres são frequentemente interpretadas por meio da metáfora de um "mercado sexual", no qual indivíduos seriam avaliados segundo critérios hierárquicos de atratividade física e status social. Esse tipo de interpretação das relações de gênero tem sido analisado por pesquisadores como parte de um conjunto mais amplo de reações às transformações contemporâneas das masculinidades. O sociólogo Michael Kimmel (2017), por exemplo, argumenta que muitos movimentos antifeministas emergem de sentimentos de perda de status associados a mudanças nas hierarquias sociais e econômicas. Em contextos marcados por incerteza e precarização, determinados grupos de homens passam a interpretar as conquistas feministas como ameaças à sua posição social, produzindo discursos que articulam ressentimento, nostalgia e hostilidade.

No ambiente digital, essas dinâmicas assumem formas específicas. Como observa Debbie Ging (2017), a chamada *manosphere* (machosfera) reúne uma constelação heterogênea de comunidades online, incluindo ativistas pelos direitos dos homens, *pick-up artists* e incels, unidas por uma preocupação comum com a redefinição das relações de poder entre homens e mulheres em sociedades contemporâneas. Embora apresentem diferenças entre si, esses grupos compartilham narrativas que interpretam o feminismo como responsável por uma suposta crise da masculinidade e por uma inversão injusta das hierarquias de gênero.

A atenção dedicada ao fenômeno incel também está relacionada à sua associação com episódios de violência extrema. Um dos casos mais emblemáticos e fundadores ocorreu em 23 de maio de 2014, quando Elliot Rodger, então com 22 anos, realizou um ataque em Isla Vista, na Califórnia, resultando na morte de seis pessoas e deixando outras quatorze feridas. Antes do atentado, Rodger publicou uma série de vídeos em plataformas digitais e um manifesto autobiográfico de 141 páginas intitulado *My Twisted World*, no qual apresentava sua trajetória pessoal e expressava ressentimento profundo em relação às mulheres e à sociedade. O trecho a seguir é a introdução do documento:

> **Meu Mundo Distorcido**
> **A História de Elliot Rodger**
> *Por Elliot Rodger*
>
> **Introdução**
>
> Humanidade... Todo o meu sofrimento neste mundo foi causado pelas mãos da humanidade, especialmente das mulheres. Isso me fez perceber o quão brutal e distorcida a humanidade é como espécie. Tudo o que eu sempre quis foi me encaixar e viver uma vida feliz entre as pessoas, mas fui rejeitado e excluído, forçado a suportar uma existência de solidão e insignificância, tudo porque as mulheres da espécie humana foram incapazes de enxergar o meu valor.
>
> Esta é a história de como eu, Elliot Rodger, me tornei quem sou. Esta é a história da minha vida inteira. É uma história sombria de tristeza, raiva e ódio. É a história de uma guerra contra a cruel injustiça. Nesta magnífica história, revelarei cada detalhe da minha vida, cada experiência significativa que extraí da minha memória superior, bem como a forma como essas experiências moldaram minha visão de mundo. Esta tragédia não precisava ter acontecido. Eu não queria que as coisas tomassem esse rumo, mas a humanidade me forçou a agir, e esta história explicará por quê. Minha vida não começou sombria e distorcida. Eu comecei como uma criança feliz e cheia de alegria, vivendo minha vida ao máximo em um mundo que eu acreditava ser bom e puro… (Internet Archive, tradução nossa)[2]

Nos vídeos divulgados na véspera do ataque, Rodger anunciava o que chamou de *day of retribution* (dia da retaliação), afirmando que sua ação seria uma forma de vingança contra aqueles que, segundo ele, o teriam condenado a uma existência marcada pela solidão e pela

---

[2] **My Twisted World**
The Story of Elliot Rodger
By Elliot Rodger

Introduction
Humanity... All of my suffering on this world has been at the hands of humanity, particularly women. It has made me realize just how brutal and twisted humanity is as a species. All I ever wanted was to fit in and live a happy life amongst humanity, but I was cast out and rejected, forced to endure an existence of loneliness and insignificance, all because the females of the human species were incapable of seeing the value in me.
This is the story of how I, Elliot Rodger, came to be. This is the story of my entire life. It is a dark story of sadness, anger, and hatred. It is a story of a war against cruel injustice. In this magnificent story, I will disclose every single detail about my life, every single significant experience that I have pulled from my superior memory, as well as how those experiences have shaped my views of the world. This tragedy did not have to happen. I didn't want things to turn out this way, but humanity forced my hand, and this story will explain why. My life didn't start out dark and twisted. I started out as a happy and blissful child, living my life to the fullest in a world I thought was good and pure...

rejeição. Em seu manifesto, o autor descreve sua vida como uma história de injustiça e sofrimento causada principalmente pelas mulheres, a quem responsabiliza por sua condição.

> Amanhã será o dia da vingança. O dia da minha vingança contra a humanidade, contra todos vocês. Durante os últimos oito anos da minha vida, desde a minha puberdade, tenho que suportar uma existência de solidão, rejeição e desejos não satisfeitos. E tudo porque nunca fui atrativo para as garotas e tive que apodrecer na solidão. Não entendo como é possível que não seja atrativo. Vou castigar todas por isso. (El País, 2014)

A análise desses materiais revela elementos discursivos recorrentes em comunidades incel. Em primeiro lugar, observa-se a construção de uma narrativa de vitimização masculina, na qual a frustração afetiva é reinterpretada como resultado de uma injustiça estrutural. Em segundo lugar, as mulheres aparecem representadas como um grupo homogêneo responsável coletivamente pelo sofrimento masculino, processo que contribui para sua desumanização. Por fim, o tom messiânico presente em diversos trechos do manifesto, nos quais o autor apresenta sua trajetória como uma revelação destinada à humanidade, aproxima esse discurso de padrões retóricos frequentemente observados em processos de radicalização ideológica.

Após o ataque, Rodger passou a ocupar uma posição simbólica em diversos fóruns associados à cultura incel. Em algumas dessas comunidades, ele passou a ser referido como *Saint Elliot* ou *The Supreme Gentleman*, e o aniversário do massacre de Isla Vista é lembrado como *Saint Elliot Day* (WITT, 2020). Seus textos e vídeos circularam amplamente nesses espaços, frequentemente transformados em memes ou em montagens visuais que evocam iconografias religiosas, evidenciando processos de mitificação e ritualização da violência.

Nesse contexto, consolidou-se também a expressão *going ER* (literalmente “tornar-se ER”, em referência às iniciais de Elliot Rodger), utilizada nesses fóruns para designar a realização de ataques violentos em massa. A circulação desse vocabulário ilustra a maneira como episódios de violência podem ser incorporados às narrativas coletivas dessas comunidades, funcionando como referências simbólicas que reforçam identidades e valores compartilhados.

A filiação de Rodger a comunidades associadas à cultura incel e a discursos próximos da chamada *red pill*, uma metáfora derivada do filme *Matrix* (1999) e utilizada nesses espaços para indicar o suposto “despertar” para uma interpretação das relações de gênero como uma disputa de poder em que os homens seriam vítimas, contribuiu para que seu caso ganhasse ampla visibilidade. Como resultado, o ataque de Isla Vista desempenhou papel importante na difusão do termo incel na grande mídia e no debate público internacional.

Figura 1: Colagem do rosto de Elliot Rodger a uma figura religiosa



Fonte: Witt, 2020.

Nesse sentido, o fenômeno incel tem sido analisado não apenas como uma subcultura digital, mas também como um possível vetor de radicalização online. Angela Nagle (2017) argumenta que determinadas comunidades digitais desenvolveram formas específicas de sociabilidade baseadas na circulação de ironia, provocação e transgressão discursiva, frequentemente utilizadas para normalizar posições extremistas. Em ambientes relativamente fechados, tais práticas podem favorecer processos de escalada retórica, nos quais discursos inicialmente marginais tornam-se progressivamente legitimados dentro da comunidade.

Do ponto de vista teórico, essas dinâmicas também podem ser interpretadas à luz das discussões contemporâneas sobre misoginia. Para a filósofa Kate Manne (2018), a misoginia não deve ser compreendida apenas como uma atitude individual de ódio contra mulheres, mas como um sistema social destinado a policiar e punir aquelas que desafiam expectativas normativas de gênero. Sob essa perspectiva, discursos misóginos funcionam como mecanismos de manutenção de hierarquias sociais, reforçando a ideia de que mulheres devem ocupar posições específicas dentro da ordem social e sancionando aquelas que se desviam dessas expectativas.

Nos fóruns incel, essa lógica se manifesta na forma de narrativas que combinam vitimização masculina e desumanização feminina. A autonomia sexual das mulheres é frequentemente interpretada como evidência de um sistema social injusto, enquanto a recusa feminina em estabelecer relações com determinados homens é reinterpretada como expressão de uma suposta degeneração moral da sociedade contemporânea. Como observa Beauchamp (2019), tais discursos frequentemente articulam uma fantasia de vingança dirigida às mulheres, concebidas como responsáveis coletivas por uma ordem social percebida como injusta.

Embora apenas uma minoria dos indivíduos que participam dessas comunidades cometa atos de violência física, a circulação constante de discursos misóginos e de fantasias de retaliação contribui para normalizar formas de hostilidade que podem atravessar as interações sociais cotidianas. Nesse sentido, compreender o funcionamento dessas comunidades digitais torna-se fundamental para analisar as relações entre cultura online, construção de identidades masculinas e dinâmicas contemporâneas de radicalização. O discurso incel não apenas expressa misoginia, mas contribui para construir enquadramentos simbólicos nos quais a violência contra mulheres pode ser reinterpretada como resposta legítima a uma suposta exclusão masculina.

Partindo desse contexto, este artigo propõe analisar o fenômeno incel como uma forma contemporânea de reorganização da misoginia em ambientes digitais. Argumenta-se que, nesses espaços, experiências individuais de frustração afetivo-sexual são reinterpretadas coletivamente por meio de discursos que transformam dificuldades pessoais em evidências de uma suposta injustiça estrutural contra os homens. Ao articular narrativas de vitimização masculina, desumanização das mulheres e fantasias de retaliação, essas comunidades contribuem para a normalização de formas específicas de hostilidade de gênero. Ao mesmo tempo, funcionam como espaços de socialização ideológica nos quais ressentimentos individuais podem ser convertidos em identidades políticas e, em determinados casos, em processos de radicalização. Nessa perspectiva, o discurso incel não apenas expressa misoginia, mas também opera como um dispositivo de justificação simbólica da violência, na medida em que a agressão contra mulheres é frequentemente apresentada como reação legítima a uma ordem social percebida como injusta.

2. Machosfera, pílula vermelha, pílula preta

O fenômeno incel não pode ser compreendido isoladamente. Ele se insere em um ecossistema mais amplo de comunidades digitais articuladas em torno de discursos antifeministas e da redefinição contemporânea das masculinidades, frequentemente denominado *manosphere* (machosfera). Esse conjunto heterogêneo de espaços online reúne grupos diversos, como ativistas pelos direitos dos homens (*men's rights activists*), sedutores profissionais (*pick-up artists*), comunidades *red pill* e incels, que compartilham, em maior ou menor grau, uma preocupação comum com aquilo que percebem como uma crise da masculinidade nas sociedades contemporâneas. Trata-se de uma rede de comunidades digitais voltadas para diferentes formas de mobilização das masculinidades, unidas por uma

“preocupação comum com a hegemonia masculina, no que se refere às relações de gênero heterossexuais e não homossexuais, seja essa relação de identificação desejável ou de rejeição estratégica do ideal masculino alfa” (GING, 2017, p. 16).

Nesse sentido, a machosfera pode ser compreendida como um ecossistema discursivo no qual diferentes grupos, ainda que heterogêneos em suas práticas e agendas, convergem em torno de interpretações críticas das transformações recentes nas relações de gênero. Como aponta Ging (2017), muitos desses espaços compartilham a percepção de que as conquistas feministas e a ampliação da autonomia feminina teriam produzido uma inversão injusta das hierarquias sociais entre homens e mulheres. Assim, experiências individuais de frustração social, afetiva ou econômica tendem a ser reinterpretadas coletivamente como evidência de um processo mais amplo de marginalização masculina.

Dentro desse universo discursivo, as comunidades incel ocupam uma posição particular. Como destaca Ging (2017), elas operam uma espécie de inversão simbólica da masculinidade hegemônica. Em vez de reivindicar diretamente posições de poder associadas ao ideal masculino dominante, os incels constroem sua identidade a partir da experiência de exclusão desse mesmo modelo. A figura do chamado “homem alfa”, frequentemente associada à atratividade física, ao sucesso sexual e ao domínio social, aparece nesses discursos como um ideal inacessível, cuja própria existência serviria para reforçar a marginalização daqueles identificados como “homens beta”. Nessa perspectiva, a identidade incel não se organiza em torno de atributos positivos compartilhados, mas sobretudo a partir de uma posição de ressentimento diante de uma hierarquia sexual percebida como rígida e imutável.

Essa interpretação das relações de gênero se articula frequentemente com críticas mais amplas às transformações sociais ocorridas ao longo do século XX, especialmente à chamada revolução sexual. Como observa o jornalista Zack Beauchamp (2019), muitos participantes dessas comunidades interpretam a liberalização das normas sexuais e a ampliação dos direitos das mulheres como processos que teriam produzido novos vencedores e perdedores no que denominam “mercado sexual”. Segundo essa lógica, a autonomia feminina teria permitido que mulheres escolhessem parceiros com base em critérios de atratividade e status, excluindo sistematicamente determinados homens desse mercado.

A disseminação desses discursos foi amplamente facilitada por plataformas digitais de interação social. Durante os anos 2000 e 2010, fóruns online desempenharam papel central na formação e consolidação dessas comunidades. Entre eles, o site Reddit tornou-se um dos principais espaços de circulação de ideias associadas à machosfera. Organizado em

comunidades temáticas chamadas *subreddits*, o site permitiu que grupos ideologicamente próximos se reunissem, compartilhassem experiências e produzissem coletivamente um vocabulário comum para interpretar suas frustrações pessoais.

Entre esses espaços, destacou-se o *subreddit* conhecido como *TheRedPill*, que se tornou um dos principais pontos de encontro para usuários interessados em discutir estratégias de sedução, hierarquias de gênero e críticas ao feminismo. Com o aumento da visibilidade e da radicalização de determinados discursos, algumas dessas comunidades passaram a ser alvo de medidas de moderação por parte da plataforma, sendo posteriormente banidas como parte de políticas destinadas a combater discurso de ódio e extremismo. Após esses banimentos, muitos usuários migraram para outros fóruns online, como *4chan* e *8chan*, além de plataformas menos moderadas, onde continuaram a desenvolver e disseminar suas ideologias.

No interior desse universo discursivo, duas metáforas tornaram-se particularmente centrais: as chamadas *red pill* e *black pill*. Ambas derivam da metáfora apresentada no filme *The Matrix*, no qual o personagem Neo deve escolher entre duas pílulas: a azul, que lhe permitiria continuar vivendo em uma realidade ilusória, e a vermelha, que revelaria a verdadeira natureza do mundo. Nas comunidades da machosfera, "tomar a *red pill*" passou a significar despertar para uma suposta verdade oculta sobre as relações entre homens e mulheres.

Segundo essa interpretação, o feminismo e as normas sociais contemporâneas esconderiam uma realidade na qual as mulheres escolheriam parceiros com base exclusivamente em critérios de atratividade física e status social. Nesse contexto, os participantes dessas comunidades compartilham interpretações das relações afetivas que enfatizam estratégias de dominação e manipulação como formas de recuperar poder nas interações heterossexuais.

A chamada *black pill* representa uma radicalização dessa perspectiva. Enquanto a *red pill* sugere que homens poderiam aprender a manipular ou contornar as regras do "mercado sexual", a *black pill* propõe uma visão profundamente fatalista das relações sociais. Nessa perspectiva, fatores biológicos e hierarquias de atratividade física determinariam rigidamente o sucesso sexual dos indivíduos, tornando impossível para determinados homens escapar de sua condição de exclusão. Como observa Beauchamp (2019), essa visão frequentemente se articula a uma rejeição fundamental da emancipação sexual feminina, acompanhada da representação das mulheres como sujeitos superficiais e moralmente corruptos.

Um exemplo da radicalidade desses discursos pode ser observado na investigação

conduzida pela jornalista Amelia Tait (2017) sobre conteúdos publicados no *subreddit TheRedPill*. Ao analisar diferentes discussões presentes na plataforma, Tait identifica um conjunto recorrente de proposições apresentadas pelos participantes como "verdades ocultas" sobre as relações de gênero: a ideia de que o feminismo seria intrinsecamente prejudicial aos homens, de que o sexismo seria uma ficção produzida pelo movimento feminista e de que as mulheres desejariam secretamente relações marcadas por dominação e controle masculino.

Entre os exemplos analisados pela jornalista estão discussões com títulos como *Women want to be raped by a high-value man* ("Mulheres querem ser estupradas por um homem de alto valor") e *How to get laid like a warlord* ("Como conseguir sexo como um senhor da guerra"). Nessas postagens, os participantes defendiam a ideia de que mulheres teriam fantasias de violência sexual quando exercida por homens considerados dominantes ou socialmente superiores, além de compartilhar listas de estratégias destinadas a manipular ou subjugar parceiras sexuais.

Atualmente, muitos desses fóruns foram removidos das plataformas que originalmente os hospedavam. Ainda assim, indicadores como o número de comentários acumulados nas discussões analisadas por Tait (268 e 771, respectivamente) sugerem o grau de engajamento que tais conteúdos eram capazes de gerar, naquela época. Além disso, a remoção dessas comunidades de plataformas mais moderadas não implicou necessariamente o desaparecimento desses discursos, que frequentemente reaparecem em espaços digitais menos regulados.

De modo geral, a análise desses materiais evidencia a recorrência de formas de linguagem sistematicamente objetificantes e, em muitos casos, desumanizantes em relação às mulheres. Mais do que simples expressões de frustração individual, tais discursos articulam narrativas que reinterpretam experiências pessoais de rejeição como evidência de uma suposta injustiça estrutural perpetrada pelas mulheres e pelo feminismo.

Como sintetiza Beauchamp (2019), o discurso incel frequentemente se organiza em torno da ideia de que os homens excluídos do chamado "mercado sexual" seriam vítimas de uma ordem social profundamente injusta. Nesse contexto, fantasias de retaliação contra mulheres aparecem como formas de compensação simbólica para uma experiência percebida como humilhante. Ainda que apenas uma minoria dos participantes dessas comunidades cometa atos de violência física, a circulação constante de discursos que normalizam a desumanização feminina contribui para produzir um ambiente discursivo no qual diferentes formas de hostilidade de gênero tornam-se progressivamente naturalizadas.

Nesse sentido, o funcionamento dessas comunidades pode ser compreendido também

como um processo de construção coletiva de sentido para experiências individuais de frustração. Em fóruns e plataformas digitais, relatos pessoais de rejeição afetiva ou sexual são frequentemente reinterpretados à luz das categorias analíticas produzidas no interior da própria machosfera, como “alfa”, “beta” ou “mercado sexual”. Esse vocabulário compartilhado oferece aos participantes uma gramática comum por meio da qual experiências subjetivas são transformadas em evidências de uma suposta estrutura objetiva de desigualdade entre homens. A adesão a essas interpretações contribui, assim, para a consolidação de identidades coletivas baseadas na ideia de injustiça e exclusão.

Ao mesmo tempo, a repetição sistemática dessas narrativas tende a produzir um efeito de reforço ideológico característico de ambientes digitais fortemente homogêneos. Como argumenta Sunstein (2017), grupos compostos majoritariamente por indivíduos que compartilham posições semelhantes podem experimentar processos de *group polarization* (polarização de grupos), nos quais opiniões inicialmente moderadas tornam-se progressivamente mais extremas ao longo da interação coletiva. Em comunidades online relativamente fechadas, a circulação reiterada de interpretações semelhantes contribui para consolidar visões de mundo cada vez mais homogêneas e resistentes a questionamentos externos (NGUYEN, 2020).

Esse processo de radicalização discursiva não implica necessariamente a adesão direta à violência por parte da maioria dos participantes. No entanto, ele contribui para a construção de um ambiente simbólico no qual formas extremas de hostilidade de gênero podem ser reinterpretadas como respostas compreensíveis ou até justificáveis diante de uma realidade percebida como estruturalmente injusta. Nesse sentido, mais do que produzir diretamente comportamentos violentos, essas comunidades operam frequentemente como espaços de socialização ideológica nos quais ressentimentos individuais são reorganizados em narrativas coletivas que reforçam visões profundamente hierarquizadas das relações entre homens e mulheres.

Nos últimos anos, essas dinâmicas deixaram de se restringir aos fóruns anônimos em que originalmente se consolidaram e passaram a circular em um ecossistema digital mais amplo. Discursos associados à chamada *red pill* migraram progressivamente para plataformas de grande alcance cultural, como YouTube, TikTok e podcasts masculinistas, onde são frequentemente apresentados em formatos de aconselhamento amoroso, desenvolvimento pessoal ou crítica cultural ao feminismo, ampliando significativamente o alcance dessas narrativas no debate público digital.

3. Cenário Brasileiro

No Brasil, o debate público sobre os *incels* é relativamente recente e ainda há muito a ser sistematizado na literatura acadêmica. Embora o conceito tenha se difundido inicialmente em contextos anglófonos, especialmente nos Estados Unidos e no Canadá, sua circulação em ambientes digitais brasileiros vem adquirindo contornos específicos, influenciados por fatores sociais, econômicos e culturais próprios do país. Uma das primeiras reportagens jornalísticas a abordar o fenômeno no contexto nacional foi publicada por Marie Declercq no portal *Vice* em 2019, momento em que ainda havia escassez de estudos empíricos dedicados ao perfil dos brasileiros que se identificavam como incels. A autora observava que, no Brasil, a adesão a esse tipo de comunidade parecia estar frequentemente associada não apenas à frustração afetivo-sexual, mas também a fatores como precariedade econômica, dificuldades de inserção social e sofrimento psíquico (DECLERCQ, 2019).

No contexto brasileiro, a narrativa de injustiça frequentemente mobilizada por grupos incel tende a articular-se de maneira particular com a desigualdade social. A privação sexual é frequentemente interpretada em associação com a precariedade econômica, reforçando a percepção de que o sucesso nas relações afetivas e sexuais estaria condicionado ao capital econômico, à aparência física e ao status social. Em um país marcado por profundas assimetrias socioeconômicas, essa interpretação encontra ressonância em imaginários sociais que associam atratividade masculina à capacidade de consumo e à mobilidade social. Assim, fóruns digitais, grupos em aplicativos de mensagens e comunidades em redes sociais funcionam como espaços de compartilhamento de experiências e narrativas que procuram explicar frustrações individuais por meio de enquadramentos coletivos baseados em ressentimento social e de gênero.

Apesar dessas especificidades, um elemento que permanece constante em relação aos contextos internacionais é o forte senso de identificação entre os membros dessas comunidades. Esse sentimento de pertencimento não se limita a uma dimensão afetiva de sociabilidade, mas desempenha também uma função de validação discursiva. Ao compartilhar relatos de rejeição, frustração ou isolamento social, os participantes reforçam mutuamente interpretações que transformam experiências individuais em evidência de um padrão estrutural de exclusão masculina. Desse modo, esses espaços funcionam simultaneamente como ambientes de socialização e como arenas de produção e circulação de discursos misóginos e antifeministas.

É importante destacar que o termo incel não designa um grupo homogêneo. Ao

contrário, ele engloba comunidades heterogêneas formadas por indivíduos provenientes de diferentes contextos sociais e econômicos. Nos primeiros anos de circulação do conceito no Brasil, o acesso aos materiais produzidos por essas comunidades era relativamente restrito, sobretudo porque grande parte do conteúdo circulava em inglês, o que limitava sua difusão no espaço digital brasileiro. Nos últimos anos, entretanto, esse cenário passou por transformações significativas. A tradução e adaptação dessas narrativas para o português, bem como sua circulação em formatos mais acessíveis, como vídeos, podcasts e memes, contribuíram para ampliar o alcance dessas ideias no ecossistema digital nacional.

A emergência dessas comunidades deve ser compreendida também à luz de uma história mais ampla da cultura de fóruns na internet brasileira. Antes da consolidação das redes sociais contemporâneas, espaços como o portal Universo Online (UOL) reuniam comunidades digitais bastante ativas. Um exemplo frequentemente citado é o fórum conhecido como "Vale Tudo" (VT), criado em 2002 dentro da seção UOL Jogos. Caracterizado por um alto grau de anonimato e por uma moderação relativamente limitada, o VT tornou-se um espaço de circulação de discursos provocativos, humor agressivo e interações marcadas pela transgressão de normas sociais.

Segundo o jornalista Daniel Salgado, que frequentou o fórum durante a adolescência, a ausência de mediação institucional contribuiu para a formação de um ambiente no qual praticamente qualquer tema poderia ser objeto de ironia ou escárnio. Como observa o autor:

> Seus membros se definiam como excluídos na "vida real" por suposta feiura, declarada inaptidão social, gostos tidos como "exóticos" ou mesmo falta de vontade de fazer amizades. Por isso, acreditavam eles, o mundo virtual deveria se adequar às suas vontades e tolerar seus costumes – dentre eles, a homofobia e o machismo (Salgado, 2018).

Fóruns desse tipo podem ser compreendidos como precursores de formas de sociabilidade digital que posteriormente seriam amplificadas por plataformas contemporâneas. Em análises posteriores, Salgado (2018) argumenta que esses ambientes contribuíram para a formação de uma cultura masculina digital que, em determinados contextos, acabou sendo apropriada por discursos políticos associados à nova direita brasileira. Esse processo ocorreu em um período marcado por transformações significativas no cenário político internacional e nacional, incluindo a ascensão de movimentos populistas, a intensificação da polarização política e a crescente centralidade das redes digitais na disputa por narrativas públicas.

Nesse sentido, as interseções entre a cultura incel, a radicalização online e a circulação de ideologias de extrema direita não parecem extrapolações analíticas. Comunidades incel frequentemente compartilham elementos discursivos com outros espaços

da *manosphere*, incluindo narrativas antifeministas, ressentimento contra minorias e visões conspiratórias sobre a suposta decadência das sociedades ocidentais. Ao mesmo tempo, esses ambientes parecem funcionar como espaços de socialização ideológica nos quais frustrações pessoais são reinterpretadas por meio de discursos que legitimam hostilidade e violência simbólica contra mulheres.

Na sociedade contemporânea, marcada pela centralidade das plataformas digitais, a internet desempenha um papel ambivalente. Por um lado, amplia possibilidades de comunicação, produção de conhecimento e inovação social. Por outro, facilita a rápida circulação de discursos polarizadores, teorias conspiratórias e ideologias extremistas. Nesse cenário, o fenômeno incel deve ser compreendido não apenas como uma subcultura digital marginal, mas como parte de um ecossistema mais amplo de discursos misóginos e de radicalização online. As interseções entre cultura digital, ressentimento social e mobilizações políticas contemporâneas revelam dinâmicas mais amplas de transformação nas formas de sociabilidade e produção de sentido no espaço público digital.

Nos últimos anos, observa-se também a crescente circulação, no ambiente digital brasileiro, de conteúdos associados à chamada *red pill*, frequentemente difundidos por influenciadores e produtores de conteúdo que se apresentam como especialistas em relacionamentos ou como "coaches de masculinidade". Inspirados em narrativas originadas na *manosphere* anglófona, esses discursos procuram oferecer interpretações supostamente realistas sobre as relações entre homens e mulheres, frequentemente baseadas na ideia de que o feminismo teria produzido uma inversão das hierarquias de gênero. Embora nem todos esses produtores de conteúdo se identifiquem explicitamente com comunidades incel, há uma convergência discursiva significativa em torno de temas como a crítica à autonomia feminina, a valorização de modelos tradicionais de masculinidade e a noção de que homens contemporâneos estariam sendo injustamente marginalizados nas dinâmicas afetivas e sociais. Nesse sentido, tais conteúdos funcionam como importantes vetores de popularização de elementos da cultura incel e da machosfera, traduzindo conceitos originalmente restritos a subculturas digitais para formatos mais amplos e acessíveis, como vídeos curtos, podcasts, cursos online e conteúdos motivacionais voltados ao chamado desenvolvimento pessoal masculino.

A circulação dessas narrativas em plataformas digitais amplia significativamente seu alcance e contribui para sua difusão em públicos mais amplos no ecossistema digital brasileiro. Ao serem incorporadas a formatos de comunicação mais populares e menos explicitamente associados a subculturas extremas da internet, ideias originalmente produzidas

em fóruns e comunidades relativamente marginais passam a integrar debates mais amplos sobre masculinidade, relacionamentos e papéis de gênero. Dessa forma, o fenômeno incel, longe de permanecer restrito a nichos específicos da cultura digital, insere-se em dinâmicas mais amplas de produção e circulação de discursos antifeministas e de contestação às transformações contemporâneas nas relações de gênero, evidenciando a complexidade das interações entre cultura digital, ressentimento social e disputas simbólicas no espaço público online.

4. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar o fenômeno incel como uma forma contemporânea de reorganização da misoginia em ambientes digitais, investigando seus discursos, suas formas de sociabilidade online e sua inserção em um ecossistema mais amplo de comunidades antifeministas. Ao longo da análise, procurou-se demonstrar que as comunidades incel não se limitam a espaços de compartilhamento de frustrações individuais relacionadas à vida afetiva e sexual. Mais do que isso, elas constituem arenas discursivas nas quais experiências pessoais de rejeição ou marginalização são reinterpretadas coletivamente por meio de narrativas que atribuem tais frustrações a uma suposta injustiça estrutural contra os homens.

Nesse sentido, o estudo evidenciou que o discurso incel opera por meio de um processo de ressignificação das transformações contemporâneas nas relações de gênero. A ampliação dos direitos das mulheres, as mudanças nas normas sociais relativas à sexualidade e as transformações nas expectativas sociais associadas à masculinidade são frequentemente interpretadas nesses espaços como sinais de uma crise da masculinidade e de uma perda de privilégios masculinos. Tal interpretação sustenta narrativas de vitimização masculina que, ao mesmo tempo em que negam ou minimizam desigualdades históricas de gênero, contribuem para legitimar formas específicas de hostilidade dirigidas às mulheres.

A análise da chamada *manosphere* permitiu situar as comunidades incel dentro de um ecossistema digital mais amplo, caracterizado pela circulação de discursos antifeministas, pela valorização de modelos hierárquicos de masculinidade e pela difusão de ideologias que reinterpretam as relações de gênero em termos de competição e dominação. Nesse contexto, conceitos como *red pill* e *black pill* funcionam como dispositivos narrativos que estruturam a interpretação da realidade social por parte desses grupos, oferecendo explicações simplificadas e frequentemente deterministas para fenômenos complexos como relações

afetivas, sexualidade e mobilidade social.

No que se refere ao contexto brasileiro, buscamos apontar que a apropriação dessas narrativas ocorre em diálogo com características específicas da sociedade nacional. Em particular, a forte desigualdade socioeconômica e as transformações recentes no cenário político e cultural parecem influenciar as formas pelas quais discursos incel são reinterpretados e disseminados no país. Além disso, a história da cultura de fóruns e comunidades digitais no Brasil contribuiu para a formação de espaços de sociabilidade online nos quais discursos misóginos, humor agressivo e ressentimento social puderam circular e se consolidar. Ao articular esses elementos, o estudo buscou evidenciar que o fenômeno incel, embora inspirado em matrizes discursivas globais, adquire no Brasil formas particulares de expressão e circulação.

Outro aspecto relevante diz respeito às interseções entre comunidades incel, processos de radicalização online e discursos associados à extrema direita digital. Embora nem todos os indivíduos que se identificam como incels estejam envolvidos em mobilizações políticas organizadas ou em manifestações explícitas de violência, esses ambientes podem funcionar como espaços de socialização ideológica nos quais ressentimentos individuais são progressivamente reinterpretados por meio de narrativas antifeministas, conspiratórias e, em alguns casos, antidemocráticas. Nesse sentido, a análise do fenômeno incel permite compreender dinâmicas mais amplas de circulação de discursos de ódio e de formação de identidades políticas em ambientes digitais contemporâneos.

Do ponto de vista teórico, este artigo contribui para o campo dos estudos de gênero e das mídias digitais ao propor uma leitura do fenômeno incel não apenas como expressão de frustrações individuais, mas como um dispositivo discursivo que reorganiza formas históricas de misoginia em novos ambientes de sociabilidade online. Ao enfatizar os processos de produção coletiva de sentido nesses espaços, a análise evidencia como experiências pessoais de exclusão podem ser transformadas em identidades políticas e em narrativas que legitimam hostilidade de gênero.

No contexto brasileiro, a investigação também busca contribuir para campo de estudos sobre misoginia digital e masculinidades online, oferecendo uma reflexão inicial sobre a circulação e a adaptação local de discursos originados na cultura digital anglófona. Ao situar o fenômeno incel na interseção entre desigualdade social, cultura digital e transformações políticas recentes, o artigo procura abrir caminhos para futuras pesquisas que aprofundem empiricamente essas dinâmicas no país.

Por fim, a expansão e a crescente visibilidade dessas comunidades colocam desafios

relevantes para a compreensão das formas contemporâneas de sociabilidade mediadas por plataformas digitais. Se, em seus estágios iniciais, as interações incel se concentravam sobretudo em fóruns anônimos e relativamente circunscritos, atualmente essas narrativas circulam em um ecossistema digital mais amplo e diversificado, que inclui influenciadores, canais de vídeo, podcasts e comunidades online dedicadas à discussão de masculinidade, sexualidade e relações de gênero. Nesse ambiente comunicacional marcado pela lógica algorítmica das plataformas e pela intensificação da circulação de discursos polarizadores, ideias originalmente restritas a subculturas digitais podem adquirir maior visibilidade e alcançar públicos mais amplos.

Tal dinâmica contribui para a difusão de narrativas que reinterpretam frustrações individuais por meio de enquadramentos coletivos baseados em ressentimento de gênero, vitimização masculina e hostilidade antifeminista. Nesse contexto, investigar os processos de produção, circulação e legitimação da misoginia online torna-se fundamental para compreender as transformações em curso no espaço público digital e suas implicações para as relações de gênero. Ao mesmo tempo, torna-se necessário aprofundar empiricamente o conhecimento sobre essas comunidades, mapeando com maior precisão seus perfis sociológicos, suas formas de organização discursiva e as redes de circulação que conectam tais narrativas a outros segmentos do ecossistema digital, incluindo movimentos antifeministas e correntes da direita radical. Pesquisas futuras poderão, assim, contribuir para uma compreensão mais abrangente dos modos pelos quais essas formas de sociabilidade digital participam da reconfiguração contemporânea dos conflitos políticos e culturais em torno de gênero, identidade e democracia.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey C. Vociferando contra o iluminismo: a ideologia de Steve Bannon. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1009-1023, set./dez. 2018.

BBC NEWS. *California killings: suspect Elliot Rodger left manifesto*. Londres, 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-us-canada-27562917. Acesso em: 2 abr. 2025.

BEAUCHAMP, Zack. Our incel problem. *Vox*, Washington, DC, 16 abr. 2019. Disponível em: https://www.vox.com/the-highlight/2019/4/16/18287446/incel-definition-reddit. Acesso em: 16 out. 2025.

DECLERCQ, Marie. A tristeza dos incels: um retrato da juventude em crise no Brasil. *Vice Brasil*, 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/j5y8q3/a-tristeza-infinita-dos-incels-um-retrato-da-juventude-em-crise-no-brasil. Acesso em: 16 out. 2025.

EL PAÍS. *O massacre de Isla Vista e o manifesto misógino do assassino*. Madri, 25 maio 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/25/internacional/1401043694_312869.html. Acesso em: 2 abr. 2025.

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities*, Thousand Oaks, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316845210_Alphas_Betas_and_Incels_Theorizing_the_Masculinities_of_the_Manosphere. Acesso em: 14 out. 2025.

INTERNET ARCHIVE. *My Twisted World*, de Elliot Rodger. Disponível em: https://archive.org/details/MyTwistedWorld/mode/2up. Acesso em: 2 abr. 2025.

KIMMEL, Michael. *Angry white men: American masculinity at the end of an era*. New York: Nation Books, 2017. Disponível em: https://www.hachettebookgroup.com/titles/michael-kimmel/angry-white-men/9781568589626/. Acesso em: 2 abr. 2025.

MANNE, Kate. *Down girl: the logic of misogyny*. New York: Oxford University Press, 2018.

MARWICK, Alice E.; CAPLAN, Robyn. Drinking male tears: language, the manosphere, and networked harassment. *Feminist Media Studies*, Abingdon, v. 18, n. 4, p. 543-559, 2018. DOI: https://doi.org/10.1080/14680777.2018.1450568.

NAGLE, Angela. *Kill all normies: online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. Winchester: Zero Books, 2017.

NGUYEN, C. Thi. Echo chambers and epistemic bubbles. *Episteme*, Cambridge, v. 17, n. 2, p. 141-161, 2020. DOI: https://doi.org/10.1017/epi.2018.32.

SALGADO, Daniel. Transgressão à direita. *Revista Serrote*, São Paulo, n. 30, nov. 2018. Disponível em: https://www.revistaserrote.com.br/2018/11/transgressao-a-direita-por-daniel-salgado/. Acesso em: 20 out. 2025.

SUNSTEIN, Cass R. *Republic: divided democracy in the age of social media*. Princeton: Princeton University Press, 2017. Disponível em: https://press.princeton.edu/books/hardcover/9780691175515/republic. Acesso em: 2 abr. 2025.

TAIT, Amelia. Spitting out the red pill: former misogynists reveal how they were radicalised online. *New Statesman*, Londres, 9 fev. 2017. Disponível em: https://www.newstatesman.com/science-tech/internet/2017/02/reddit-the-red-pill-interview-how-misogyny-spreads-online. Acesso em: 16 out. 2025.

WITT, Taisto. "If I cannot have it, I will do everything I can to destroy it": the canonization of Elliot Rodger, incel masculinities, secular sainthood, and justifications of ideological violence. *Social Identities*, Abingdon, v. 26, n. 5, p. 675-689, 2020. DOI: https://doi.org/10.1080/13504630.2020.1787132.